

CULTURA ASCURRENSE VIII: *Irma Bonetti Grott*

Prezados Ascurrenses e assíduos leitores do Jornal Parole! Damos continuidade a artigos e entrevistas sobre *Cultura Ascurrense*. Nesta edição trazemos a vocês a entrevista com a senhora Irma Bonetti Grott.

Recebeu-nos com entusiasmo. Bastante religiosa, contou-nos um pouco da sua trajetória em Ascurra e do que pensa para que nossa cidade seja melhor. Dona Irma viu a cidade de Ascurra em formação. Veio para cá ainda com trinta dias de idade apenas e nunca mais saiu. Viu a cidade se desenvolvendo. Viu o choque dos imigrantes que começavam a tomar conta das terras e os indígenas que já habitavam nessa região. Curiosamente tem duas idades: teve que mudar sua data de nascimento verdadeira. Disse que estar mais velha oficialmente três anos trouxe lá suas vantagens, como, por exemplo, a aposentadoria: *“Consegui me aposentar antes pelo menos”*.

Caros leitores, eis a entrevista que a D. Irma nos concedeu. Boa leitura!

1. Dona Irmã: desde quando a senhora está em Ascurra? E por que escolheu essa cidade para viver?

- Oficialmente, eu nasci em 21 de abril de 1931. Nasci no São Pedrinho, em Rodeio, mas logo vim morar em Ascurra. Com trinta dias eu já vim morar em Ascurra. E todos eram daqui. Minha mãe era uma Macoppi de Rodeio, mas logo que casaram se mudaram pra cá. Vi Ascurra começando. Meu avô, que se chamava Pedro Bonetti, foi o que teve a primeira agência dos correios aqui em Ascurra. Foi meu avô que trouxe para Ascurra o primeiro carro de mola. E, depois, aquele pequeno ônibus que levava a mala com as cartas para o trem. Meu pai era o motorista que levava as cartas na mala até no Bairro da Estação onde passava o trem. Então, já naquele tempo eu escutava meu avô falando pra meu pai: Celeste, vamos caprichar. Vamos ver. Vamos fazer de Ascurra uma cidade grande. E tinham planos, brigaram por muitas coisas, como a ponte Irineu Bornhausen. E tinham sonhos. Mas Ascurra não cresce, não muda. Não sei porquê.

2. A senhora falou em idade oficial. Então, essa idade da senhora é correta?

- Sim. Tenho pela idade que está na certidão de nascimento setenta e seis anos (76). Mas na realidade, tenho mesmo setenta e três (73). Foi porque tive que acrescentar três anos na minha idade. Tive que casar. Estava grávida com quinze anos e nesse época estar grávida com essa idade antes do casamento “Deus-o-livre”. E os padres sabiam disso. E foi graças ao padre Otávio, naquela época, que pude casar. Inclusive mudaram meus documentos como a certidão de nascimento. Na verdade tenho duas idades.

3. A senhora conheceu os índios que habitavam essa região quando o município estava se formando?

- Sim. De pequena, cheguei a conhecer. Eles moravam nos morros do nosso município. Conheci também a mãe do Pedro Polidoro, que levou uma flechada. A minha própria sogra era também índia. Os índios tinham o hábito de roubar coisas dos brancos. Tinham rituais: tinham que fazer um monte de coisas para provar que podiam casar. Nunca fui atacada. Minha avó foi. Mas eles não faziam mal. Se defendiam. Minha sogra sempre contava que os brancos que vieram de fora é que atacavam. E eles iam sempre pra mais longe, mais longe. Fugindo. E os brancos, sempre querendo mais terra. Por exemplo: quando meu avô veio para Ascurra, ainda havia índios por aqui. No Bairro Tamanduá, no “Morro do Oitenta”. Mas as pessoas chegavam de fora e tomavam essas terras. Meu avô contava que eles tinham medo é de espingarda. Era só dar um tiro de espingarda e sumiam todos. Não se via mais um. Eles foram muito prejudicados. E o mal que eles faziam era por medo,

para revidar. Roubavam porcos que as pessoas criavam. Roubavam nas roças. Mas então os brancos caçavam os índios de espingarda e eles sumiam. Mas eles faziam assim: o ladrão espia o patrão. Então, quando eles podiam pegar alguém sozinho em casa tinha que correr, se trancar e dar um tiro. Nessa época até as mulheres davam tiro de espingarda. Quando os homens iam pra fora para vender alguma coisa, os Índios ficavam rodeando. Então, as mulheres eram obrigadas a se defenderem. Mas eles estavam se defendendo também do que fizeram para eles.

4. E os estudos Dona Irmã, como foram?

- Ah! Eu estudei até o 2º (segundo) ano. Mas naquela época, estudar dois anos era estudar muito. Os meus filhos, estudaram até a 4ª (quarta) série. Depois, mais tarde, tinha como estudar aqui até a 8ª Série. Mas eu não tive tempo. Teve a questão dos filhos que vieram. Tive oito filhos ao todo. Todos vivos graças a Deus. Irmãos éramos sete: quatro irmãs e três irmãos. Vivos tem três irmãos e eu. Os outros já faleceram.

5. Dona Irma, quais as principais dificuldades que vocês enfrentaram aqui em Ascurra?

- Bem, o começo aqui foi bem difícil. Por que não havia uma fábrica, não havia nada. E também naquela época a gente não comprava quase nada. Era tudo produzido nas terras onde se morava. O açúcar por exemplo. Hoje em dia compramos tudo. Estamos até acomodados. Custava muito para se ganhar dinheiro. Hospital por exemplo: só tinha em Rodeio. Principalmente na época que Ascurra estava anexada a Indaial. Foram tempos difíceis. Eu cheguei até a trabalhar na Balsa. Havia aquelas enchentes. Era muito trabalhoso. Comparando com o tempo atual é bem mais fácil: todo mundo tem um carro. Antigamente tinham aqueles ônibus pequenos. Bom, mas tá difícil ainda. Tem a questão da saúde que ainda hoje está complicada.

6. Dona Irmã: o que a senhora gostaria que permanecesse e o que a senhora gostaria que mudasse em Ascurra?

- Bom, a questão do trabalho poderia mudar. Mais oportunidades. O lazer para a juventude. Até tem, mas não é mais como antigamente. Está diferente. Dá até medo de sair nas ruas às vezes. Nossa cidade está ficando violenta. Também Ascurra deveria ter um galpão ou um local que ensinasse a juventude a trabalhar, produzir, a fazer as coisas. Já tem muitas empresas em Ascurra, mas ainda não é bem o que deveria ter. É que nem os padres salesianos que estão para sair. Então, como é que Ascurra vai para frente?

Mesma coisa com a questão do lazer para a juventude. Alguns tem como sair, se divertir, praticam esportes. Conseguem. Mas tem muita criança e jovem pobres nos bairros que não têm para onde ir. Então alguém precisaria alguém que pegasse essas crianças e dessem para elas algo para fazer, se divertir...

7. Conte-nos um pouco sobre a história política de Ascurra ou algum fato político que a senhora considera marcante na história do município. Algo que tenha marcado nossa história.

- Presenciei muita coisa que deveria ter saído aqui, mas que acabaram não saindo, não acontecendo. Olha, vou comentar algumas coisas. Mas não pretendo falar nomes. Sei de um projeto para construção de casas populares. Que foi feito o projeto, que foi mandado, aprovado e que alguém de Ascurra mandou uma carta dizendo que Ascurra não precisava de casas populares. Sei quem fez o projeto e sei quem foi a pessoa que enviou a carta dizendo que Ascurra não necessitava disso. Ficou lá o terreno. Bom, quem foi contra foi um empresário muito forte daqui. E acho que deveriam ter deixado fazer aquelas casas. Isso me marcou muito, pois eu queria que esse projeto saísse. A mesma coisa com nosso hospital: que começou bem e depois não funcionou mais. Acho que está relaxada nossa saúde de uma certa forma.

8. *Que aspecto da cultura do Município, a senhora considera marcante?*

- Gosto da cultura italiana. Mas tem a questão religiosa. Não há mais tantos católicos como antes. Na verdade, fomos muito enganados. Há um tempo atrás, veio o Bispo de Rio do Sul, D. José Balestieri e ele fez a conta de qual seria o valor do dízimo a ser pago. De quantas famílias existem em nosso município. Ele falou, fez a conta, tinha dado uma quantia alta, mas não me recordo agora exatamente quanto. Só que ele contou todas as famílias como se fossem católicas. Mas em Ascurra já não é mais assim. Hoje temos mais de dez religiões em Ascurra. No último sábado, devia haver na igreja matriz, em torno de cinquenta pessoas. Hoje podemos dizer que temos poucos católicos e os que há, estão cada vez mais se afastando. Às vezes nós vamos ajudar os padres e as pessoas nos perguntam: o que os padres fazem com tanto dinheiro? E é claro, eles têm uma organização, mas as pessoas não entendem. E cada vez mais, o pessoal colabora menos. Alguns ajudam até demais, já outros...

9. *Dona Irma: conte-nos uma história, um caso, algo que aconteceu no município com a senhora e que seja inusitado.*

- Bem, vou contar um caso que aconteceu com o Padre Paulo. Em um certo dia, perguntamos para ele do que ele tem mais medo: do diabo ou das beatas. Ele ficou pensativo, não sabia o que responder. Mas no fim ele respondeu: tem mais medo das beatas do que diabo. Sim, por que segundo ele, pro diabo, se você fizer o sinal da cruz ele foge, já as beatas, nem batendo nelas com a cruz.. Ele já correu com nós de lá umas cinquenta vezes. Bom, vou contar um caso: na missa do dia das almas fomos pra igreja. Íamos cantar. Eu e mais duas amigas. Chovia um monte. O carro nos deixou do lado de trás da igreja. Entramos pela Sacristia. E faltou a mulher que marca as intenções da missa. E o Padre estava reunido na Sacristia com mais duas pessoas. E quando nos viu disse: Como, vocês aqui na Sacristia?! Não dá, vocês fazem muito barulho! As minhas amigas quiseram sair. Eu disse: ah, a gente veio aqui pra ajudar, pra cantar, não saio. Vou ficar aqui na sacristia! Então o padre disse: mas eu não mandei vocês pra fora? Respondi: não vamos. Mandaram a gente ficar aqui. Viemos ajudar. Daí ele falou: então está bem, fiquem. Aí eu disse brincando: sei que padre não gosta de gaita nem de velha, mas às vezes tem que gostar. Bom, nesse dia todo mundo quer mandar rezar missa para seus parentes que se foram. Apesar de que, quem sabe onde eles vão estar é Deus. Se estarão no Céu ou em outro lugar... Mas também faz parte da tradição.

10. *Para finalizar, que mensagem a senhora deixaria para os mais jovens, Dona Irma?*

- São os jovens que fazem o dia bonito como eles querem. E a noite também. É eles que fazem a própria vida. Então, que eles tenham consciência, para não entrar nas drogas. Que procurem fazer o bem e busquem viver contentes. Que se eles viverem felizes, viverão muito mais tempo e melhor. Que caprichem para o dia de amanhã. Que quando forem dormir, digam: amanhã estarei bem, quero fazer tal coisa. Vou visitar um amigo. Vou pra escola. Não vou incomodar ninguém. Que eles façam o dia bonito. Se alguém provocá-los, que não reajam com violência. Só assim dá para viver hoje em dia. Hoje está difícil. As pessoas se aborrecem por nada. Que eles não sejam assim. Fico com dó. Às vezes vejo eles passando na rua todos felizes indo para uma festa. Daí quando voltam, voltam brigando. Um correndo atrás do outro. Sem camisa. É muito triste ver isso.

Dona Irmã: gostaríamos de lhe agradecer então pela entrevista. Muito obrigado!

Entrevista: André Bazzanella

Revisão ortográfica e sugestões: P. Luiz Bazzanella e Sandro Luiz Bazzanella.

Fale com os autores:

www.institutoveritas.net ou pelo e-mail: institutoveritas@terra.com.br

